



pelo acaso, a equipe utilizou a ferramenta estatística denominada Teste de Kappa, cujo resultado (0,42) mostrou-se, “plenamente aceitável para uma manobra clínica em um cenário de grande variabilidade como o da medida da pressão arterial em consultório”. Essa avaliação considerou os casos em que a pressão arterial dos pacientes teve redução para níveis de normalidade em pelo menos uma das consultas. A principal conclusão da equipe da Unifesp foi de que “o estudo sugere que esse teste simples e facilmente aplicável pode auxiliar na otimização dos pedidos de monitorização da pressão arterial para os casos suspeitos”.

PREJUÍZOS Não há dúvidas de que o diagnóstico errado gera enormes perdas de recursos para o sistema de saúde pública. Pesquisa realizada por Sante Pierdomenico e sua equipe, da Universidade Gabrielle D’Annunzio (Itália), publicado em 1995, mostra que a estratégia de monitorar os 255 pacientes avaliados e tratar somente os verdadeiros hipertensos resultaria em uma economia estimada de US\$110 mil em um período de 6 anos. Em outro estudo (2002), de Ben Ewald e Brita Pekarsky, da Universidade de Newcastle

(Austrália), 62 pacientes foram avaliados por meio da monitorização e identificaram a HAB em 26% dos pacientes da amostra. Eles concluíram que, no longo prazo (3 anos ou mais), os diagnósticos com monitorização de pressão arterial são progressivamente mais econômicos do que os baseados somente em medidas de consultório.

Segundo Thalenberg, não existe qualquer cálculo feito para o SUS, no Brasil. Todavia, ele afirma que tanto para os pacientes como para o sistema de saúde, temos um custo não desprezível em medicamentos, consultas médicas e exames mais frequentes. Com relação aos efeitos sobre a saúde dos “hipertensos do avental branco” que se submetem a remédios contra pressão alta, os episódios de hipotensão (pressão baixa) gerados pela medicação indevida podem causar tontura e fraqueza, aumentando a suscetibilidade a quedas e fraturas, especialmente em idosos. O especialista lembra que, “além disso, ser rotulado como portador da ‘assassina silenciosa’ (hipertensão) pode gerar ansiedade em graus variados”, o que pode desencadear outros problemas físicos e sociais.

Flávia Gouveia



Conorhinus megistus, barbeiro transmissor de Chagas

HISTÓRIA DA MEDICINA

Há cem anos doença de Chagas foi descoberta

Em 1909, com um relato minucioso e de agradável leitura, Carlos Chagas anunciou para a comunidade científica a detecção, em humanos, do protozoário *Trypanosoma cruzi*, agente causador da doença de Chagas, mal que atinge 6 milhões de brasileiros e que ainda não tem cura. A história clínica de Berenice, uma menina de dois anos, abriga o achado mais importante: “Tripanozómidas no sangue periférico, em número não



muito grande, sendo vistos de 15 a 20 em gota (...). Ele descreve também resultados dos estudos sobre a morfologia e o ciclo evolutivo do protozoário nos diferentes animais de laboratório infectados: cobaias, cães, coelhos e macacos. Foi o próprio Carlos Chagas quem havia identificado, em 1908, formas flageladas de um protozoário no intestino do barbeiro, inseto encontrado em matas e habitações de áreas rurais de várias regiões do país. Em uma parceria com Oswaldo Cruz, que fez com que barbeiros infectados se alimentassem do sangue de sagüis de laboratórios, Chagas encontrou uma nova espécie de tripanossoma, batizada de *Trypanosoma cruzi*, em homenagem ao mestre.

Pela importância dessa descoberta para a saúde dos brasileiros, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) dará início, em maio, às comemorações do centenário de descoberta da doença de Chagas. Estão previstos diversos eventos e publicações comemorativas, dentre eles a inauguração da Sala Carlos Cha-

gas, que contará com uma exposição permanente composta por fotografias, textos, documentos e objetos sobre a época, a vida e a obra do cientista. Será também publicado o livro *Doença de Chagas*, além de um álbum fotográfico composto por um conjunto expressivo de documentos iconográficos e textuais sobre a trajetória do pesquisador. Está prevista ainda a realização do simpósio internacional “Centenário da descoberta da doença de Chagas” e do seminário “A descoberta da doença de Chagas e a história da medicina tropical”, assim como o lançamento da exposição itinerante “Chagas do Brasil”. Soma-se a isso o lançamento do portal “Doença de Chagas”, além de uma ópera, com música do maestro Silvio Barbato, direção cênica de Moacyr Góes, libreto de Renato Icaray, cenários de Marcelo Dantas e figurinos de Clara Vasconcelos, que terá como tema central a vida e obra do grande cientista brasileiro.

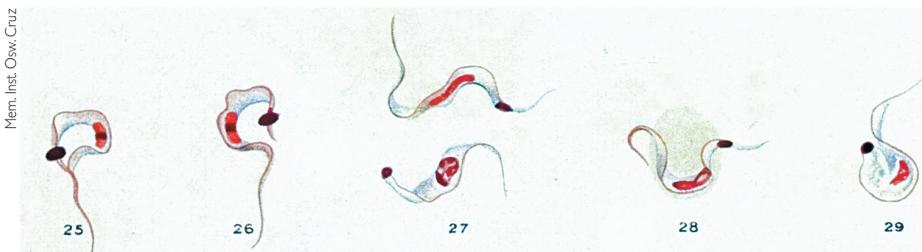
Cristina Caldas

APRENDIZADO

Crianças com dificuldades na escola: onde mora o problema?

Alunos com dificuldades de aprendizagem que chegam ao final do ensino médio com sérias problemas de leitura e escrita, ou praticamente não alfabetizados, representam 50% das crianças brasileiras, segundo dados do Ministério da Educação (MEC). A escola, sem saber lidar com esses casos, muitas vezes, alega que a origem do quadro é patológica. Esse quadro é mais comum do que se imagina: cerca de 30% desses alunos são diagnosticados como portadores de uma deficiência, para justificar seu mau desempenho escolar. Dislexia, hiperatividade, déficit de atenção, déficit do processamento auditivo e deficiência mental são os nomes mais comuns dados ao problema. Embora os números ainda não sejam formalmente reconhecidos pelo MEC, eles fomentam uma série de estudos que avaliam a situação da educação brasileira e procura entender o que impede a aprendizagem de uma parcela tão grande de alunos.

O insucesso da criança na escola, porém, se deve a um conjunto de fatores que não são considerados



Esquema do ciclo de vida do *Trypanosoma cruzi* feito por Chagas em artigo de 1909